

## ***"Pode botar meu nome na sua história": memória e identidade étnica a partir da leitura de "Narradores de Jave"***

## **"You can get my name in your story": memory and ethnic identity from the reading of "Narrators of Jave"**

Silvano Fidelis de Lira<sup>1</sup>  
João Batista Gonçalves Bueno<sup>2</sup>

**RESUMO:** A proposta deste artigo é analisar o filme brasileiro *Narradores de Javé*, produzido em 2003 e dirigido por Eliane Caffé, buscando compreender como a construção de sequências de depoimentos orais possibilita a elaboração de narrativas históricas que podem revelar visões das memórias individual e coletiva de comunidades quilombolas, bem como contribuem para a valorização das identidades étnicas destes grupos. Percebemos, através do filme, como os personagens populares possuem o estatuto dos heróis coletivos baseados nos personagens históricos consagrados pela História tradicional brasileira e como os indivíduos da comunidade de Javé criaram uma determinada identidade de grupo em torno das histórias contadas por seus membros. Neste sentido, encontramos indícios que nos revelaram os elementos que culminaram na construção de uma forma de narrativa histórica que tem como base o conhecimento racional e científico estruturado a partir de sequências lineares, etapistas e cronológicas. Esperamos também, através destas análises, compreender como constituíram-se as formas narrativas pela figura do narrador. Todas as reflexões foram baseadas nas concepções de memória, narrativa e História do filósofo Walter Benjamin (1985) em seu texto "o Narrador".

**PALAVRAS CHAVE:** Memória; Identidades; Narrativa.

**ABSTRACT:** The purpose of this article is to analyze the Brazilian film *Narradores de Javé*, produced in 2003 and directed by Eliane Caffé, seeking to understand how the construction of sequences of oral testimonies enables the elaboration of historical narratives that can reveal visions of the individual and collective memories of quilombola communities. , as well as contribute to the enhancement of the ethnic identities of these groups. Through the film, we realized how popular characters have the status of collective heroes based on historical characters enshrined in traditional Brazilian history and how individuals in the Javé community created a certain group identity around the stories told by their members. In this sense, we found evidence that revealed the elements that culminated in the construction of a form of historical narrative that is based on rational and

<sup>1</sup> Graduado em História na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) - habilitação Licenciatura - desde 2009. Desde 2012 é membro da Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia (SBTHH). Como pesquisa da Graduação, desenvolve pesquisa sobre a construção da memória e as narrativas dos idosos que trabalharam nos campos de motores de agave em Cubati durante as décadas de 1950-1980. Tem Interesse de pesquisa em História Oral e Memória, Teoria e Filosofia da História, Sensibilidades, Subjetividades e Metodologia da História. - silvanohistoria@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor e Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, Bacharel e Licenciado em História pelo IFCH- UNICAMP. Atualmente é professor adjunto da Universidade Estadual da Paraíba - joaobgbueno@hotmail.com



scientific knowledge structured from linear, stage and chronological sequences. We also hope, through these analyzes, to understand how narrative forms were constituted by the figure of the narrator. All reflections were based on the conceptions of memory, narrative and History of the philosopher Walter Benjamin (1985) in his text "the Narrator".

**KEYWORDS:** Memory; Identities; Narrative.

*“Este é o livro da Salvação?”*

*(Morador de Javé ao interrogar Antônio Biá)*

Neste artigo procuramos apresentar uma breve reflexão sobre os usos didáticos que a obra cinematográfica intitulada *“Narradores de Javé”*, produzida no ano de 2003 e dirigida por Eliane Caffé, pode apresentar para o ensino de História. Este filme, por trabalhar com as memórias de populações quilombolas, as quais foram forçadas a abandonar suas residências devido a construção de uma barragem, vem sendo utilizado, por professores de História da escola básica, como fonte documental para o desenvolvimento de debates sobre as questões étnico raciais, Essa temática ganhou espaço no ensino de História desde a promulgação da Lei nº 10.639/03, que obriga o ensino da história e cultura afro-brasileiras e africanas nas escolas públicas e privadas do ensino fundamental e médio; bem como, este tema passou a ser valorizado pelo Parecer do CNE/CP 03/2004, que aprovou as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas.

Diferentes pesquisadores da área de ensino de História<sup>3</sup> já desenvolveram análises partindo desse filme. Estes investigadores procuraram desenvolver estudos sobre as possíveis metodologias de ensino que poderiam ser utilizadas na sala de aula, ou, então, como seriam as utilizações sociais do conceito de memória suscitadas por esta produção cinematográfica. Objetivando contribuir para essas discussões, neste artigo, procuramos compreender como a construção do discurso narrativo, construído por sequências de depoimentos orais, pode ser utilizado para introduzir o conceito de memória valorizando as questões ético-raciais. Seguindo nesta direção, partimos do pressuposto que o conceito de memória articula-se ao conceito de narrativa, e a partir destes dois conceitos, os

---

<sup>3</sup> Cf. BASTOS, Adeilma Carneiro. **Narradores de Javé e as possibilidades de leitura para o ensino de história**. IN: [www.anpuhb.org/.../ST%2005%20-%20Adeilma%20Carneiro%20Bastos](http://www.anpuhb.org/.../ST%2005%20-%20Adeilma%20Carneiro%20Bastos) (acesso em 07/05/2013); GOMES, Caio César Santos. **Entendendo as utilizações sociais da memória através do filme "Narradores de Javé"**. IN: Revista Eletrônica Tempo Presente., Ano 5, Nº 08, Rio, 2010. [http://www.tempopresente.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5345:entendendo-as-utilizacoes-sociais-da-memoria-atraves-do-filme-qnarradores-de-javeq&catid=41&Itemid=127](http://www.tempopresente.org/index.php?option=com_content&view=article&id=5345:entendendo-as-utilizacoes-sociais-da-memoria-atraves-do-filme-qnarradores-de-javeq&catid=41&Itemid=127) (acesso em 07/05/2013).



professores da escola básica podem problematizar a produção de saberes históricos escolares pelo entrecruzamento do presente e do passado, dos locais e dos espaços diferentes, do sujeito e do coletivo, das variações das visões de mundo, dos valores racionais e dos sensíveis, do consciente e do inconsciente, como atos políticos que contem potencialidades de produzir um “despertar dos sonhos e das fantasmagorias” (BENJAMIN, 1985, p.37). Dessa forma, propomos que o trabalho com o conceito de memória pode ser entendido como prática de transmissão de saberes entre as diferentes gerações que, simultaneamente, se alicerçam na circulação de tradições de forma coletiva, que são permeadas de sensibilidades, que fazem parte de concepções plurais de verdade, que expressam as relações do narrado com o vivido e que possibilitam o entendimento das diferentes temporalidades e das experiências vividas. Dessa forma, todas essas relações permitem que o professor demonstre que os lugares, os sujeitos e as experiências de poder são múltiplas e entrelaçadas (THOMPSON, 1998).

O filme possibilita o reconhecimento de que a memória étnica se manifesta através da tradição oral das comunidades quilombolas. Pois, nestas comunidades de forte tradição oral a memória é fruto do diálogo entre os indivíduos que compõem o grupo social, sendo tecida pouco a pouco e ponto a ponto pela fala. Assim, através da oralidade, as pessoas do grupo vão se conhecendo, se relacionando e construindo suas identidades. Nestes espaços de convivência desenvolvem-se, portanto, relações que se consolidam, tanto pelos sucessivos encontros e desencontros, como pelas práticas do ouvir e do narrar as diferentes histórias de vidas e pelas tradições que exprimem os modos de vida dessa comunidade. Isto explica o pôr que nestas pequenas comunidades, os indivíduos acabam por desenvolver um sentimento de pertencimento, acreditando que todos vivem juntos uma mesma história.

Ao trabalharmos com esse filme tivemos como intuito compreender como a constituição da memória e da narrativa dessas comunidades quilombolas foram formando-se através das teias de subjetividade que se expressam nas vidas pessoais de cada uma das narrativas de vida apresentadas. Entendemos também, que a memória é formada a partir de recortes temporais, onde o indivíduo seleciona lembranças, desenhando sua história através de condições subjetivas. A memória não pode ser entendida como algo pronto e unificado, ela é múltipla, mais parece uma bailarina que inventa performances surpreendentes podendo seguir e criar diferentes caminhos. Ela pode assumir inúmeras significações, interpretações relacionando passado e presente num ir e vir, por isso, remete-se a uma dinâmica temporal não linear, ou seja, ela se expressa entre o presente e o passado e o



passado e o presente, criando significações tanto passadas como presentes (BENJAMIN, 1987).

A memória carrega em si uma grande quantidade de significados, de possíveis interpretações, parece-nos que as análises de Caldas (1999) são bastante pertinentes a esse respeito, o autor ao se referir à memória diz que;

Ela não é um arquivo: sua forma de existência, a imagem que talvez a exprima, não é estrutural, sistêmica ou orgânica, mas *poética, virtualidade criativa e metamórfica*, ritmo e movimento, que nunca é aquilo que diz nem o metafísico e inapreensivo aquilo que viveu, mas *abertura em processo*, o sentido da ficcionalidade ontológica do ser social na órbita da singularidade, puro calidoscópio atravessado pelas múltiplas vivências do humano; desdobrada por excelência e vitalizadora criativa do presente, montando e desmontando os sentidos e os significados de cada um por meio de conversas, dos relatos, das crenças e do mundo como resultado do viver social que garante identidade e limite. (p, 59)<sup>4</sup>

Neste sentido, perguntamos então, como o filme “*Narradores de Javé*”, pode ser apropriado pelos professores e pelos alunos para desenvolver o conceito de memória e a oralidade? E como o trabalho com produções cinematográficas pode ser encarado com fonte de produção de conhecimento histórico-escolar.

Ora, a memória, assim como veiculada no filme, é uma atividade de criação de sentidos, de (re) invenção de experiências, uma criação que atende a necessidades e escolhas subjetivas do presente. Nesse sentido o filme mostra, de forma muito interessante que a memória é dinâmica, movimentando-se e sofrendo outras interpretações, portanto, não deve ser compreendida como algo que está “guardada” em um arquivo impenetrável. Muito se fala em “resgate”, termo perigoso, impreciso e enganador, pois a História é (re) inventada, jamais resgatada, e em nenhum momento pode ser resgatada em sua originalidade.

Assim, como afirma Ecléa Bosi (1994), a memória é uma dupla relação entre lembrança e esquecimento, trabalho de criação em função do presente. Segundo essa autora, a memória desloca percepções, ela é ativa, e não imóvel e nem estável, a memória é ativa, invasora, destrói muros e surpreende por sua vitalidade. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A

---

<sup>4</sup> CALDAS. Alberto Lins. **Oralidade, texto e história:** para ler a história oral. – São Paulo: Edições Loyola, 1999.



memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (p, 47)

O filme questiona de forma humorada a clássica e conflituosa relação entre o dito e o escrito. Nesse sentido, ele procura problematizar a dualidade e a ambiguidade entre as formas de expressão oral e escrita, buscando entender que a separação entre esses dois processos de comunicação pode ser entendido como resultado da modernidade capitalista, que desde o século XIX vem valorizando a informação pronta e acabada, destruindo as formas de expressão narrativas que trazem a tona as experiências vividas individuais ou coletivas. Essa questão foi pensada por Walter Benjamin (1987), quando identifica que na modernidade a arte de narrar e o narrador esta se extinguindo. “Torna-se cada vez mais raro o encontro com pessoas que sabem narrar alguma coisa direito” (p, 57).

Nesse sentido é importante destacar que durante o transcorrer das cenas do filme estabelece-se também uma contraposição entre o que se entende por senso comum e o que se entende por conhecimento cientificizado, em síntese o filme questiona muito a intensa necessidade em transformar em algo escrito aquilo que se lembra de que se narra. Percebemos aí, a existência de certo medo diante da vulnerabilidade da oralidade.

O que dá sustentação a trama é justamente a angústia diante da fugacidade da narrativa oral, é preciso colocar as memórias dos moradores do vale de Javé no “livro da salvação”, mas quem escrever? E o que escrever? É assim que começa a trajetória dos moradores de Javé, e junto com a angústia de salvar o vilarejo começa também a trajetória de Antônio Biá, mas Biá não estará só, estará acompanhado por alguns moradores daquela pequena cidade que está prestes a ser encoberta pelas águas da barragem, pelo simples fato de não ser patrimônio, de não ser reconhecida historicamente, através de uma escrita que a nomeasse.

Desde o início do filme a angústia marca a trama, o viajante que corre ofegante e que em seguida perde o barco, fica desolado, angustiado, ele está também diante de uma impossibilidade, diante de uma privação, diante daquele barco que teima em seguir um trajeto que não o seu, sua vontade é de manipular o barco e trazê-lo para a margem, uma metáfora que revela um dos sentidos do filme. Biá sempre queria uma coisa, mas seus narradores sempre fugiam, remavam em outros rios. Os narradores de Biá, são fugazes, não se prendem às normas, criam percursos alternativos, partindo de suas subjetividades, de suas sensibilidades.

A única saída para o viajante é esperar, esperar não se sabe até quando. Seu encontro com outras pessoas se dá em um pequeno barraco às margens do rio, local de



divertimento. Mas algo lhe chama a atenção, uma velha que insistentemente tenta ler algumas linhas do livro, em meia luz. Sua atitude é de uma pessoa que quer compreender o que aquelas linhas dizem, no entanto, ela é repreendida pelo filho, que a critica, interpela: - depois de velha não tinha necessidade de aprender a ler, ela era velha, bastava-lhe a arte de narrar.

Somos nós, os espectadores do filme, que mesmo em meia luz, em meio às barreiras, tentamos a todo o momento ler o outro, torná-lo compreensível, decifrável e feito de letras. As letras realmente são mais controláveis que os sentimentos, mais domesticáveis do que as narrativas sensíveis, talvez por isso, necessitamos escrever sobre o outro o tempo todo. É mais fácil controlar a escrita do que controlar a alma.

O nome da cidadezinha representada no filme é “Javé”, fica no vale de um rio, e faz parte das pequenas cidades do Nordeste, com uma geografia semelhante a tantas outras. Não apenas uma geografia das paisagens, mas uma geografia de corpos, de ruas, de cidades. Uma terra que tinha sido escolhida pelos heróicos antepassados para ser o território onde se fixariam os retirados ou fugitivos da guerra, a terra que teve as suas divisas apenas cantadas, a oralidade que ia demarcando suas fronteiras, desenhando seus limites. Primeiro momento em que, no filme, a narrativa é evidenciada como algo definidor de territórios, a narrativa é uma criação que define pontos da História daquelas pessoas que ainda não tinham o domínio da escrita, e nem necessitavam dela.

Mas as “divisas cantadas”, não foram suficientes para legitimar aquele território, esse estaria ameaçado pelo escrito (leis, documentos, etc.). A rotina pacata do pequeno vilarejo é profundamente abalada por uma notícia que mudaria definitivamente a vida dos moradores: o povoado seria extinto com a implantação de uma barragem. Seria a chegada do “progresso” que solaparia aquela comunidade, trazendo consigo as águas, inundando as ruas daquela cidadezinha, destruindo as casas, a igreja, etc. da mesma forma com que aconteceu a Canudos no sertão da Bahia, inundada pelas águas da barragem de Cabrobó. Mas em meios ao grande número de notícias que vinham dos engenheiros a comunidade reuniu-se para tentar salvar o vilarejo do dilúvio que se anunciava, era preciso fazer algo. E a única solução seria transformar o vilarejo em patrimônio histórico, de maneira que ele fosse tombado e, assim, pudesse ser tombado e preservado.

Para os moradores de Javé, seria uma tarefa difícil, já que eles não conseguiam visualizar algo que fosse realmente importante e digno de ser eternizado, afinal Javé em nenhum momento havia sido palco de um grande acontecimento histórico, sua história estava ausente das narrativas dos grandes heróis ou de importantes eventos políticos. A



única maneira de se evitar a destruição do vilarejo seria então fazer o dossiê, que reunisse as histórias que as pessoas contavam e que tornariam Javé um patrimônio histórico. Mas quem escreveria? Apenas um homem seria capaz de tal façanha, um tal de Antônio Biá, personagem marginal, excluído, homem que havia sido expulso do vilarejo por utilizar-se de uma grande arma, a escrita a escrita que corta as identidades, que dilacera as vidas. Por causa da escrita ele teria sido expulso e por ela seria conduzido novamente para a cidade.

E assim começa a trajetória dos moradores de Javé, vidas que se resumem a apenas uma coisa, a busca da memória, expressa através da oralidade. Mas não seria fácil, a memória mostrou-se como o vento, não passível de manipulação, ela se apresentou como uma criação humana multifacetada, e que apresentava interpretações múltiplas, ela se mostrou com suas diferentes máscaras, confundindo o hermenêuta. E por isso desistir? Não, Biá, vai buscar não mais uma memória, mas memórias, no plural. O catador de memórias que se torna Antônio Biá se deparou com aquilo que afirmou Tedesco (2004), a memória que não possui uma unidimensionalidade; possui, sim, um caráter plural.

Biá se encontra então com uma multiplicidade narrativas que por vezes contam a história de uma mesma forma repetem-se, outras vezes são completamente opostas, só que imprimem seus rostos suas intencionalidades sobre o evento, cada narrador tem o mesmo rosto com o personagem que se referem. Seu Vicentino é o mesmo Indalécio, Teodora a mesma Maria Dina de sua narrativa. O mesmo Indalécio do seu Vicentino é um ex-escravo na narrativa do velho do quilombo, pois cada qual se identifica com a história que conta. Propositamente a narrativa foi associada aos rostos, pois estes criam efeitos de identificação. Nessa trajetória de semelhanças históricas, Biá, vai rabiscando em seu livro as narrativas daquele povo, mas ele nem comandava mais nem sua vida, tornou-se o salvador, seguido, acompanhado, as entrevistas que realizara, passaram a ser verdadeiros cortejos, todos queriam acompanhar aquela “operação historiográfica”.

A tentativa daqueles moradores é mostrar as autoridades que o vilarejo tem uma história, é, portanto, parte fundamental do país, eles precisam documentar o valor histórico, patrimonial de Javé. Mas essas histórias apenas são contadas, habitam unicamente a memória dos moradores, é um patrimônio de cada um, e não foram ainda traduzidos em letras, escrever aquela história seria realmente produzir um novo sentido de pertencimento, seria assegurar a sobrevivência, a memória seria assim como afirmou Michel Pollack (1992) um elemento que serviria ao homem, portanto seria criação e que atenderia a uma intencionalidade de acordo com as necessidades do momento.



Ao recorrer à memória, os narradores fazem uma reflexão sobre a própria temporalidade e se defrontam com a pluralidade de representações das diferenças na atualidade, a memória não foi manifestada de forma linear, ela se manifesta carregada de imagens e idéias, valores e afetos individuais ou coletivos. Em *Narradores de Javé*, a busca pela memória seria apenas uma necessidade, até então ninguém havia se preocupado em escutar as histórias do povo e nem mesmo de escrevê-las. Nesses moldes, o papel da memória é produzir uma força simbólica social que aglutine memória individual e memória coletiva, formando um dos aspectos que constituem e dão sustentação a uma comunidade.

Nesse sentido, as concepções sobre a memória coletiva, desenvolvidas por Maurice Halbwachs (1990), mostram que os testemunhos, ou as narrativas orais servem para fortalecer, e completar a história de um grupo.

Mas voltemos ao caminho de Antônio Biá. Por onde ele segue? O que quer encontrar e o que encontra? Seu trajeto é um caminho não traçado, não segue uma linearidade, sua missão é apenas escrever... dar grafias as histórias... Biá entende que a arte de narrar envolve a coordenação da alma, da voz, do olhar, das mãos e da fala.

Ele cumpre um mandado, sua permanência no grupo depende disso. Depois que passou a ser o detentor da escrita, ele tinha uma nova vida, podia adentrar as casas, fazer a barba de graça, era visto como um homem das letras. Escrever lhe concedia certo poder. Mas Biá sabia que as narrativas não constituem descrições vagas, generalizadoras e atreladas à realidade, ele sabe que as histórias que ele ouvia as memórias multifacetadas que ele visitava não o levariam a lugar nenhum, lhe colocariam diante de uma (im) possibilidade. Por isso mesmo Biá não escreve, Biá desenha, risca em seu livro, mas nada escreve. Porque Biá não escreve? Porque ele traiu a confiança do povo daquela cidade? Porque Biá, não fez a grande tarefa de cristalizar a memória? Uma primeira hipótese é que ele não gostava de escrever. Em todas as entrevistas que realiza Biá, escuta, conversa, encontra amores, mas não escreve, Biá tem fascínio pela narrativa, se encanta com os narradores. Talvez ele compreendesse a escrita assim como Jorge Larrosa (2004), é um ato de aprisionamento da narrativa e da experiência.

Escrever é impor silêncio, é calar a voz. Talvez exista essa relação entre esses dois “escritores” eles veem na escrita a morte da palavra. Em Biá, a escrita acabaria com a beleza da narrativa, aquelas pessoas seriam logo depois esquecidas, afinal suas lembranças estariam facilmente disponíveis no livro, que seria manuseado, riscado, grifado.

A primeira visita de Antonio Biá é a casa de seu Vicentino, morador que outorga a si o orgulho de ser parente de Indalécio, fundador do povoado. A entrevista é marcada



pelo medo, pelo estranhamento, Biá teria desacatado aquele homem duro com suas maliciosas cartas. Mas o narrador busca a sua memória nos objetos, a arma guardada com reverência dentro do baú é o ponto de partida para a construção de sua memória, conta histórias de heroísmo, uma epopéia que antecedeu a chegada de Indalécio, montado num cavalo branco, e cheio de majestade sua narrativa é antes de qualquer coisa uma exaltação aos antepassados. Mas seu Vicentino se angustia, Biá, não está escrevendo! E ele manda escrever, o narrador quer fazer parte da história, que sua memória seja presa o papel, tal qual ele fala, sem enfeites.

Mas Biá insiste. É preciso dar novas formas a escrita, por que como ele diz; “uma coisa é o fato acontecido, outra coisa é o fato escrito”, essa frase é importante para as discussões aqui estabelecidas. A narrativa produz interpretações acerca do fato acontecido, ela não tem compromisso com a verdade, é fruto das necessidades do sujeito e pode ser modificada, transformada. Assim se configuram as narrativas dos moradores de Javé, cada um imprime marcas peculiares sobre seus depoimentos, falam de memórias que de certa forma lhes insiram na História. Ninguém quer ficar de fora, Biá, passa a ser coletor de depoimentos, caminhando por territórios incertos, destoantes.

O caminho de Biá, ainda terá outros encontros. Todo mundo quer participar da história, todo mundo quer ver seu nome no “livro da salvação”. Com Teodora, com Dona Maria, com Firmino. Chagando na casa de Teodora, o “escritor” é recebido aos gritos, mas com muita conversa consegue permissão para entrar na casa e adentrar também nas memórias daquela mulher. Narrativas que reinventam memórias, uma nova personagem na história de Javé surge daquela conversa. Maria Dina, uma mulher que segundo os relatos de Teodora, teria sido a verdadeira pessoa a ter fundando Javé, mas há nisso uma intencionalidade muito forte, Teodora se diz parente de Maria Dina e quer também entrar na história. Maria Dina é narrada como heroína, escrita pelo outro. Mas as narrativas mais uma vez se entrelaçam em uma incompreensível teia, muitas falas, muitos olhares, e a confusão se instaura. São muitos dizeres, muitas possibilidades.

No quilombo, o caminho é literalmente mais difícil, a linguagem entra em cena de forma a colocar em xeque a prática escriturística da História. Indalécio é narrado como um chefe que conduziria o seu povo ao quilombo, um lugar onde sua gente (re) criaria laços afetivos com a África. Mas a narrativa se desloca, mostra-se impenetrável, linguagem inviável. A cantoria de Pai Cariá, é incompreensível, cria um espaço onde o hermeneuta não conquista. Muitas falas, mas nada se produzir a escrita. Biá, apenas olha o relógio, o tempo foge assim como a narrativa daquele homem.



A narrativa é outorgada a um contador, que reúne as experiências do grupo e as articula em uma lógica narrativa. O contador, para Paul Zumthor (1993), é aquele homem que aprendeu a interiorizar as vozes poéticas, uma vez que para ele “*não há arte sem voz*”. Pela palavra, esse contador vai descortinando, junto aos seus ouvintes, os traços fundamentais de sua cultura, pois, é a voz desse contador, uma vez ritualizada e reescutada, que vai ajudar o público a perceber a unidade do mundo bem como afetar profundamente a sensibilidade e a capacidade inventiva dos homens, dessas sociedades orais. A narrativa do grupo étnico tem a finalidade de traçar uma identidade, uma identidade que reúne elementos de uma cultura, o contador ao narrar suas histórias, traça percursos que dão uma unidade ao grupo, desde a peregrinação em busca de uma terra até o encontro com Oxum, a mulher linda e que mostraria o lugar onde seu povo estabelecer morada.

O sino da igreja toca, e nas cidades pequenas isso ainda é muito presente, esse sino não toca à toa, é sinal de que a comunidade deve se reunir na igreja. Mas quem o toca é Cirilo, um louco, um insano, que estaria à margem da realidade e não tinha até o momento com a história de Javé e seus moradores, simplesmente Cirilo ainda não era parte do enredo. O louco é o elemento estranho, excluído. Mas ele anuncia algo, anuncia que as águas não serão detidas, ele fala, que as águas destruirão tudo aquilo, mas ninguém acredita, é o insano que fala, sua fala nada pode diante da documentação escrita. A fala torna-se algo sem importância, ela foi aprisionada por Biá, pelo menos é isso que todos imaginam. A cena em que Cirilo fala sobre a inundação é muito importante, parece que a oralidade perde seu sentido diante da memória que se cristaliza na escrita do livro, aquela angústia da escrita inicialmente perde o seu lugar, as memórias que antes se mostraram multifacetadas agora passam a ser negligenciadas.

O momento dos engenheiros realizarem o projeto de construção da barragem chega, e chega também a angústia daquelas pessoas que tinham ali vivenciado suas experiências de vida, cada qual tem um motivo, os mortos enterrados ali, a falta de recursos financeiros para recomeçar a vida em outro lugar, mas a justificativa é a mesma, eles não querem sair daquela terra. Começa então os momentos finais da trama, mas eles ainda têm uma esperança diante daquilo, afinal eles se empenharam tanto em escrever o um “dossiê científico” sobre as histórias grandes do Vale de Javé.

Mas Biá nada escreveu. Entrega o livro, embrulhado, mas ao abrir a surpresa de todos, não continham nada mais que rabiscos, toscos rabiscos. E as letras não foram capazes de impedir que as águas do desenvolvimento engolissem a cidade, levando consigo toda uma história, que por não ter tombamento foi negligenciada, ignorada. Mas mesmo



com aquele mar que se cria, é possível dá novos sentidos a memória, recriar uma narrativa em torno das memórias que ainda permanecem nas narrativas daquelas pessoas. E assim Biá, passa a realmente querer escrever, pois ele sabe que a memória pode muito esvaíse e começa a escrever as narrativas daquelas pessoas. O filme termina, assim como a memória, em um processo de (re) invenção, de (re) criação do passado, e todos vão atrás do “escritor” que agora dá nova configuração ao passado.

O filme, “*Narradores de Javé*” mostra-se como uma importante forma de se estimular o debate em torno da memória e da oralidade que pode ser desenvolvido nas aulas de história, suscitando questões importantes acerca das possibilidades e dos desafios encontrados nas abordagens de temas que trabalham com as relações étnico-raciais. Vem também deixar claro que ao trabalharmos com as narrativas, estamos adentrando em um território que se mostra repleto de diálogos que cruzam, narrativas que selecionam, cortam, dão sentidos diversos aos fatos.

É possível através de o filme demonstrar que a memória se manifesta por lembranças e esquecimentos, quem rememora seleciona a partir dos anseios fatos e vivências individuais e coletivos que partem do presente e se relacionam com o passada, como num processo e iluminação recíproca. Portanto, a memória de comunidades quilombolas se expressa por pela dualidade dos conceitos de progresso e de decadência, onde o expectador do filme pode entender que esses conceitos são os dois lados de uma mesma coisa. A memória avança e recua sobre a linha do tempo. Uma recordação chama outra, tecendo uma teia de lembranças singulares. Assim como em Javé, cada pessoa, cada depoente constrói uma narrativa acerca de seu passado, produz sentidos para as suas experiências cotidianas, produz uma narrativa carregada de interesses pessoais e familiares, produzindo então, o sentido de identidade de grupo.

Mesmo sendo um filme de ficção, *Narradores de Javé* conta uma história sobre a busca de respostas para questões fundamentais da sociedade. Ao tentar recuperar a história do povoado para salvar o vilarejo, os moradores desejam solucionar essas mesmas questões, por meio das narrativas que desenvolvem perante Antônio Biá e seus conterrâneos. Contando, os casos que conhecem sobre os fundadores e sobre o passado da cidadezinha, os narradores perseguem a própria origem, a fim de preservar a identidade do grupo, manter o estado das coisas que regem o presente e garantir o futuro da cidade. Isso explica a valorização de sua própria identidade e da memória como reais símbolos significativos de pertencimento à comunidade.



Mas, como a memória está em constante transformação, os narradores compreendem que lembrar o passado e escrever sobre ele não se apresentam como atividades inocentes. A história e a memória não são objetivas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN. Walter. O narrador. In; \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política: Obras escolhidas**, Vol. 1. Brasiliense, São Paulo, 1987.

BOSI. Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. – 3 ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CALDAS. Alberto Lins. **Oralidade, texto e história: para ler a história oral**. – São Paulo: Edições Loyola, 1999.

HALBWACHS. Maurice. **A Memória coletiva**. – São Paulo: Vértice, 1990. Campina Grande,

LAROSSA. Jorge. **Linguagem e Educação depois de Babel**. Belo Horizonte: autêntica, 2004.

POLLAK. Michel. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

TEDESCO. José Carlos. **Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração**. Passo Fundo: UPF: Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ZUNTHOR, Paul. **A letra e a voz. A literatura medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

